

Metáforas reveladoras, vantagens comparativas

Paródias desnudaram a força da economia brasileira

Aylê-Salassie F. Quintão¹

Resumo

O artigo analisa os efeitos da sucessão de crises econômicas em países emergentes entre 1995 e 1999, e a sua explicação metaforizada pela população, diante da fragilidade dos ajuizamentos políticos, econômicos e científicos. Essas crises ativaram o imaginário popular, que as tipificaram simbolicamente, inspirando-se na marca do perfil de cada país. A crise do México foi batizada de *Efeito Tequila*. Em seguida vieram o *Efeito Orloff*, *Efeito Tango*, e até *Efeito Samba*. O discurso metafórico projetava-se sob a forma de paráfrases, paródias e caricaturas da cotidianidade, tornando intuitivo e familiar, por meio de representações do cotidiano, a compreensão do que estava mais distante. Ao funcionar como recurso retórico, figuras de linguagem compensam muitas vezes a ausência de uma expressão academicamente adequada, impondo traços distintivos ao fenômeno em referência. Trata-se de um comportamento baseado “*numa relação de similaridade*”, que evidencia o fato de como uma questão global, impacta o dia-a-dia do homem comum. A teoria econômica desceu do pedestal para fazer coro à glosa popular do fenômeno, que fluía, em espiral, na mídia. Curiosamente, a abordagem termina por revelar a força da economia brasileira.

Palavras-chave: Comunicação. Metaforização. Crise. Economia.

¹Doutor em História pela Universidade de Brasília, Programa de Pesquisas da UCB - Área de Comunicação e Cultura. E-mail: ayleq@yahoo.com.br

Resumen:

El artículo analiza los efectos de una sucesión de crisis económicas en los países emergentes entre 1995 y 1999, y su explicación metafórica por la población, dada la fragilidad de las explicaciones políticas, económicas y científicas. Estas crisis han disparado la imaginación popular, la cual se designó simbólicamente el nombre basándose en el perfil de la marca de cada país. La crisis mexicana fue llamada el *Efecto Tequila*. Luego vino el *Efecto Orloff*, *Efecto Tango* y *Efecto Samba*. El discurso metafórico se proyectó en forma de paráfrasis, parodias y caricaturas de la vida cotidiana, por lo que es intuitiva y familiar, a través de representaciones. Al operar como un recurso retórico, figuras de lenguaje a menudo reemplazan la ausencia de una adecuada expresión académica, introduciendo características distintivas en relación con el fenómeno. Se trata de un comportamiento basado en “una relación de similitud”, lo que pone de relieve el hecho de que como un problema mundial, afecta la vida del día a día del hombre común. La teoría económica descendió del pedestal con el fenómeno de rechazo del coro popular, que reproducido en espiral por los medios de comunicación. Curiosamente, el enfoque termina revelando la expresión de la economía brasileña.

Palabras clave: crisis económicas, las metáforas, comunicación, economía brasileña.

Introdução

O final de 2011 foi um dos mais duros para Sean Quinn, o homem mais rico da Irlanda, país que deu origem ao capitalismo norte-americano. A fortuna de Quinn alcançava 3,73 bilhões de libras, equivalente a cerca de 5 bilhões de euros. Tentando salvar o *Anglo Irish Bank* e, concomitantemente, aproveitar uma oportunidade para uma forte inversão especulativa, ele aplicou uma quantidade enorme de dinheiro em ações do *Irish*, que quebrou poucas horas depois. Seu prejuízo superou a casa de um bilhão de euros, fazendo emergir, da bolha especulativa europeia, uma dívida de 2,9 bilhões de euros – que ele não tinha condições de ressarcir. Sucessivamente, foram surgindo situações similares, levando o pânico à economia mundial.

A crise passou a ser representada não apenas pela falência de fortunas pessoais como a de Sean Quinn, mas evidenciou, sobretudo, o nível de endividamento dos Estados Unidos, França, Itália, Espanha, entre outros, alguns dos quais com comprometimentos que superavam o próprio PIB. Como consequência natural e justa para os mais pobres, veio o rebaixamento de suas notas pelas agências de classificação de risco, atizadas ainda pelo pânico gerado com o repentino enfraquecimento do euro. Assustados, políticos e economistas desdobraram-se em esforços na busca de uma solução. Daí emergiu, mesmo sem grandes mudanças no PIB de 2011, a economia brasileira propagada, até de maneira leviana, como a sexta maior do mundo, e surpreendentemente listas com nomes de brasileiros entre os maiores bilionários do planeta.

Nas análises da crise europeia, constatou-se, inicialmente, tratar-se de um excesso de emissões e investimentos

sem lastro (U\$ 650 trilhões) diante de um PIB mundial de US\$ 70 trilhões, que continua a se movimentar intermitentemente como um polvo. A cada evento, a crise se agrava de maneira anárquica e imprevisível, gerando expectativas sombrias para as políticas monetárias praticadas até aqui pelos países industrializados.

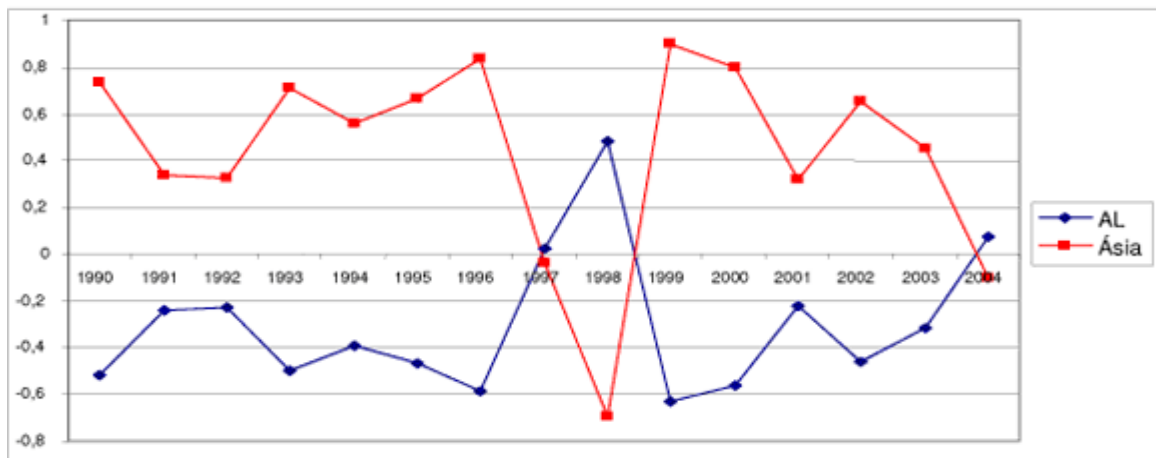
Faz lembrar, como oposto – ausência de liquidez –, o efeito em espiral da sucessão de crises econômicas, fruto de endividamentos excessivos, provocados, sobretudo, pelos encargos crescentes no preço das importações de petróleo, desencadeadas entre 1995 e 1999, que atingiu diversos países emergentes em diferentes continentes (Fig. I), provocando ansiedade e insegurança de grandes proporções, com a penalização, sobretudo, das categorias trabalhistas.

A primeira daquela série de dez anos atrás ocorreu no México, em 1995, resultando na desativação da produção, no fechamento de centenas de empresas e em altas taxas de desemprego que chegaram a quase 50% da população economicamente ativa. A seguir, desabou também a economia da Tailândia (1997), a Rússia declarou moratória (1998), e, na mesma corrente, surgiram surpreendentemente a Coreia do Sul, o Japão e a Turquia. Encadeado, o cataclisma econômico terminou por desnudar a debilidade de algumas economias também da América Latina, ao expor as condições difíceis da Venezuela, a fragilidade da Argentina, sacudindo as estruturas do Mercosul em configuração.

Em seis meses deflagraram-se ajustes cambiais significativos de efeito em cadeia. No dia 02 de julho de 1997, a moeda tailandesa (*bah*t) passou a flutuar, desvalorizando-se imediatamente em 15%. Dois meses depois, ocorreu o mesmo com Malásia, Indonésia e Filipinas. O Fundo Monetário Internacional (FMI), ao intervir,

²[1]. (<http://www.insidernews.com.br/tudo-sobre/saiba-quais-foram-as-principais-cries-ao-longo-dos-ultimos-40-anos>).

Gráfico 11
Crescimento real do produto



ALDRIGHI, Dante Mendes; CARDOSO, André Daud. Crises cambiais e financeiras: uma comparação entre América Latina e Leste Asiático. Econ. soc., Campinas, v. 18, n. 1, Apr. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182009000100003&lng=en&nrm=i>. access on 14 Dec. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-06182009000100003>. Acesso; 14.12.2011

liberando empréstimos emergenciais preventivos, agravou as expectativas. O ajuste cambial feito pela Coreia do Sul, desvalorizando a sua moeda em 25%, gerou outra onda de desvalorizações: veio a *rúpia* da Indonésia, com 140% em relação ao dólar; o *baht* tailandês novamente e o *won* coreano 80%; o *ringgit* da Malásia e o peso das Filipinas 50%. A crise asiática fizera cair o preço das *commodities*, levando o *rublo* a uma desvalorização superior a 50%, quando governo russo optou por deixar o câmbio flutuar, culminando com a moratória de 90 dias para o pagamento da dívida externa [1]².

De imediato, previu-se a fuga de capitais, a redução dos investimentos, o fechamento de empresas e o desemprego em massa. Os governos dos países industrializados e o Fundo Monetário Internacional uniram-se para fazer aportes de recursos a baixo custo, prorrogação de dívidas, redução de encargos, indo até o esgotamento das medidas saneadoras e paliativas. Credores daqueles endividamentos procuravam, na verdade, evitar que o calote se generalizasse.

Metaforizando

Indefesa, insegura e sem respaldo acadêmico e de governos naquele momento aterrorizante, a própria população procurou entender e explicar a si mesmo, em linguagem cotidiana, as representações complexas das leis da economia. Assim, as crises de 1995 a 1999 terminaram por ativar um imaginário popular, resultando na sua natural metaforização, pela tipificação simbólica de cada uma, fundada numa marca do perfil nacional, conduzindo o entendimento público da gravidade do problema. Apanhados de surpresa, os *think tanks*, economistas, políticos da vez e a própria imprensa especializada, sem respostas adequadas e em tempo hábil, passaram a analisar as origens e os efeitos do furacão econômico que se abateu sobre os países médios, inspirando-se até nas conversas de mesa de bar, onde não há crise que resista a uma cervejinha gelada. Dessa maneira, pelos caminhos da sintagmatização corrente na fala do vulgo, a teoria econômica desceu do pedestal para fazer coro à glosa popular do fenômeno, sem resolvê-lo, é verdade, mas abrindo brechas para a sua acomodação.

Ao contrário da crise do euro de 2011/12, que mobilizou intelectuais e cientistas econômicos do mundo inteiro, o lado sombrio dos acontecimentos de 1995/99 foi sendo descrito, pelos latino-americanos, de maneira pitoresca, na mesma ordem em que os efeitos se manifestavam. Na tentativa de entendê-las, a população batizou a crise do México de *Efeito Tequila*. Depois vieram o *Efeito Orloff*, *Efeito Tango* e até o *Efeito Samba*. A imprensa embarcou nesse discurso metafórico que passou a explicar o fenômeno em espiral. Otávio Ianni (1993) já havia observado que muito do que se produz na América Latina leva marcas da combinação de ideias, temas e linguagens, apresentando ingredientes aparentemente estranhos e alheios, ainda que o núcleo possa ser original. É o que ele chama de *ecletismo* e *exotismo* regional, cheios de paráfrases, paródias e caricaturas, por meio das quais o latino-americano toma conhecimento, absorve criticamente ou não, e constrói uma visão própria, revelando virtudes e lacunas no pensamento europeu e norte-americano.

O uso das figuras de linguagem como meio de comunicação de massa reflete a descrição de Ianni. Para Othon Garcia (1995) [2], corresponde a uma representação ou reconstituição mental de uma vivência, de maneira que aquilo que “[...] está mais distante da compreensão e do interesse torna-se mais intuitivo e familiar por meio de algo mais próximo”, (PAUL, apud BUHLER, p.88, apud GARCIA, 1995, p.85), revelando a preocupação com o risco dos efeitos virem bater na sua porta. Othon Garcia (1995) explica que a metáfora pode funcionar, sim, como um recurso para compensar a ausência de uma expressão adequada, excluindo os elementos secundários e impondo traços distintivos ao fenômeno em referência.

Trata-se de um comportamento baseado *numa relação de similaridade*, parentesco ou derivação que libera o texto destinado ao grande público da obrigatoriedade dos conceitos e categorias formais da academia para explicar, pelo discurso do cotidiano, configurado pela imprensa popular (BARBOSA, 1993), fenômenos distantes na sua conformação imaginária, mas que, no caso, de uma maneira ou de outra, afeta as relações globais e pode até impactar o dia a dia do homem comum (FAUSTO NETO, 2001). O discurso, seja de que origem for, nem é neutro, nem imóvel. Gera ação social e, com ele, um paradoxo da precedência diante do que Michel de Pêcheux (2005) chama de acontecimento.

Efeito tequila

A crise econômica do México, país emergente, inaugurou a grande inflexão metafórica no pensamento econômico daquele momento, sinalizando para problemas graves que envolveriam também Rússia, Itália, Turquia, Tailândia, Japão, onde foi agravada pelo terremoto de Kobe de 1995. Com a atenção voltada para o sucesso da globalização e extasiados com as taxas de crescimento do PIB dos *Tigres Asiáticos* – Taiwan, Coreia, Filipinas –, os analistas pareciam de férias, míopes, quando a economia do México deu seu primeiro sinal de colapso.

O México, que já havia declarado moratória em 1982, em 1995 era um dos maiores devedores do mundo. Sua dívida externa de US\$ 147,5 bilhões atingiu, em dois meses, US\$ 165 bilhões. Especulava-se que chegaria

a US\$ 200 bilhões até o final daquele ano. O peso mexicano caiu 60% em 15 dias. O país sofreu com a fuga de capitais e de investidores. Os índices da inadimplência com o sistema financeiro cresceu rapidamente, provocando 3.700 prisões de civis, 387 suicídios e 1 milhão e 730 mil bens embargados pela Justiça. O sistema bancário mexicano chegou à beira da falência.

O governo norte-americano, parceiro no Nafta, formulou imediatamente um pacote de ajuda ao México, que chegou a US\$ 47,5 bilhões. No mercado financeiro internacional, temia-se já por um *efeito cascata*, em que os encargos aplicados sobre a base incidem sobre toda a cadeia produtiva. Receosos, os países latino-americanos entraram em alerta devido à rapidez e à violência dos resultados, que poderiam chegar ao Sul, mas, naquele momento, a crise tomou o rumo da Ásia. Foi nesse cenário que, nas mesas de bares, economistas, políticos e torcedores de futebol geraram uma primeira explicação para o fenômeno, apelidando-o e aos seus possíveis desdobramentos de *Efeito Tequila*, associação produzida metaforicamente para simbolizar uma economia que cambaleava em direção à recessão, batizando-a com o nome da bebida nacional, de alto teor alcoólico, consumida pelos mexicanos no seu cotidiano.

Mesmo com a ajuda norte-americana e do Banco Mundial ao México, tendo em contrapartida uma política fiscal rígida, um ano depois da eclosão da crise, o país deixava transparecer um quadro lamentável:

Queda do rendimento assalariado estimado entre 36,4% e 60% índice de desemprego duplicado em um ano. Cerca de 35% da população vivendo em situação de pobreza ou pobreza extrema, de acordo com o Banco Mundial; queda de 45% na atividade da

construção civil; cerca de 39% das empresas completamente paralisadas, muitas com falência decretada; crescimento econômico negativo de 7%; queda de 33,3% do Produto Interno Bruto per capita em um ano; aumento de 128% na taxa anual de inadimplência, atingindo 50% das empresas mexicanas; queda de 50% no investimento externo; 83% das reservas nacionais despendidas com juros da dívida. (IORIO, 2006).

O *Efeito Tequila* se estendeu até 1997. Foi deixando rastros por todo o mundo, inclusive na América do Sul. No Brasil, uma das duas maiores economias do continente, foi grande a expectativa sobre o momento em que os seus impactos desembarcariam no país. O capital estrangeiro chegou a ensaiar uma fuga: num curto espaço de tempo, as reservas caíram de US\$ 32 bilhões para US\$ 25 bilhões. A Venezuela esteve próxima de entrar também em colapso, mas resistiu.

Efeito tango

A Argentina, que também cambaleava escondendo-se atrás do Mercosul, não se beneficiou da mesma sorte. A crise argentina apresentou uma face devastadora de inflexão na economia. Logo teve consagrada a expressão *Efeito Tango*, ou seja: a Argentina dançara, e quase leva o Paraguai e o Uruguai, parceiros diretos, os primeiros a sofrerem os efeitos da crise, com forte repercussão interna.

Quarenta anos de golpes, ditaduras, populismo, estatismo e até as ingerências do FMI, as disputas políticas internas terminaram por desestabilizar a economia argentina, expondo o obsoletismo do seu parque industrial. Os argentinos haviam sobrevivido, até então, do carisma da economia até os anos 1940, quando liderava o PIB *per capita* na América Latina. Nos anos 1990, o presidente Carlos Menem usara os recursos que entravam no país para expandir o setor público, com a criação de empregos, destinando uma pequena parcela ao fortalecimento das grandes empresas privadas. O plano de salvação do ministro da Fazenda, Domingo Cavallo, não refletia análises racionais sobre a conjuntura. Transparecia apenas o orgulho nacional ferido.

No governo anterior, tinha sido adotado o chamado *Plano Austral*, que, segundo a imprensa, parecia destinado a uma “economia de guerra”, buscando enfrentar os imensos problemas econômicos, militares e sociais e cuja execução levou Alfonsín a antecipar o seu afastamento do governo. A paridade com o dólar emitia sinais sobre a ausência de lastro, prenunciando um desastre próximo. Menem assinou a *Ley de Convertibilidad*, estabelecendo mecanismos de equivalência entre o dólar e o peso e, para garanti-la, inverteu os rumos, começando a privatizar a economia, o que aumentou a taxa de desemprego e a consequente mobilização popular antigoverno. No plano moral, a corrupção associada à forte presença do Estado na economia e nos setores da iniciativa privada por ele privilegiados foi desgastante para sua administração (BERNAL-MEZA, 2002).

O sucessor de Menem, Fernando de La Rúa, não alcançara os 50% de aprovação popular e tinha pela frente uma dívida externa astronômica. Anunciou, então, a necessidade de aumento dos impostos e, a seguir, o chamado *corralito*, que estabelecia um controle sobre os saques bancários, transformando depósitos populares

em títulos do governo. Domingo Cavallo havia retornado ao governo como proposta neoliberalizante que elevou os riscos para o próprio regime democrático e para o Mercosul.

Entre as novas medidas para tentar conter a crise, estavam a renegociação da dívida interna do governo federal e das províncias – algo entre US\$ 10 bilhões e US\$ 15 bilhões, ou cerca de 10% do total da dívida –, ajuda para os desempregados e uma radical mudança na direção da economia. Admitia-se que os investimentos externos, por algum tempo, seriam carta fora do baralho tanto para a Argentina quanto para os parceiros, até que a credibilidade fosse restaurada. Os argentinos já estavam dançando. A dúvida era saber quais seriam os próximos.

A obtenção de novos recursos do FMI seria a esperança de uma solução temporária, que permitiria sobreviver por alguns meses. A esperada renegociação da dívida argentina não dava mostra de solução prática, e os argentinos ficaram sem apoio explícito. Os analistas traçaram, então, um quadro desolador para o continente, preconizando que, a partir de 2002, haveria uma redução significativa do fluxo dos recursos para todos os países da América Latina.

José L. Félix (2005), correspondente argentino na Europa, que de longe acompanhava a crise em seu país, escreveu um artigo intitulado “A tormenta argentina na crise global do capitalismo”, descrevendo, num texto, ao mesmo tempo épico e nostálgico, o que estava acontecendo no país:

Buenos Aires é uma cidade maravilhosa, mas que está a saque, o saque prévio a que procederam as prestimosas instituições financeiras internacionais que, coligadas com as

suas homólogas argentinas, pilharam o que puderam, reduzindo a esmagadora maioria da população ao estado de indigência. [...] Desapareceu o orgulho nacional, instalou-se a revolta, o futuro, mesmo o mais imediato, tornou-se imprevisível. E, horror dos horrores, já ardem bandeiras azuis e brancas no centro de uma das mais belas avenidas do mundo. Os argentinos protestam e exigem comida em vez de cantarem o hino nacional.

Com a supervisão e conivência do FMI e de outras instituições financeiras, o governo supervalorizou artificialmente a moeda nacional, o *peso*, que naquele momento estava no fundo do poço, equiparando-o novamente ao dólar, para atrair capital especulativo para o país. Pretendeu-se desse modo “martelar” os balanços monetários e reciclar a dívida externa. Lá da Europa, Félix (2005) tinha outra visão:

A cosmética estatística vai ter custos terríveis para a população: elevou de forma extraordinária o custo de vida, que atingiu níveis trágicos, e, face aos juros elevados e às importações extremamente baratas, arrastou a maior parte dos sectores econômicos para a bancarrota.

Com uma dívida externa de US\$ 128 bilhões, o governo argentino apelou novamente para a ajuda do FMI, na tentativa de poder resgatar compromissos financeiros internacionais com moeda forte. Diante da negativa,

teve de romper com a *Lei da Conversão* de 1991, que fez o *peso* argentino ter um valor novamente equivalente ao dólar americano, o que significou não apenas um *default* em relação à dívida externa, mas uma quebra generalizada. Antes de recorrer ao Fundo, o governo colocara títulos à venda no mercado interno para resgate com vantagens sobre o dólar paritário, certo do apoio do Fundo e, portanto, de ganhos fáceis. As ofertas de títulos foram sendo absorvidas pelo capital nacional (*Veja*, 26.12.1991). O FMI já estava traçando, entretanto, um quadro pessimista para a economia mundial no ano seguinte, projetando um crescimento quase recessivo de 2,4%.

Surgiu um novo estopim para a crise de pagamentos quando o primeiro-ministro da Rússia, Borys Yeltsin, decretou um “calote” – a palavra usada foi *default* – no mercado de US\$ 75 bilhões, iniciativa que poderia ter efeitos amplos. Circulavam teses de dívidas injustas e de perdão de dívidas. Além disso, ataques terroristas constantes geravam uma instabilidade entre as populações civis. Abalada, a economia argentina mergulhara na estagnação. O catastrofismo rondava o Brasil, uma das maiores dívidas externas do mundo, próxima de US\$ 250 bilhões.

Efeito samba

Em 1998/99, a economia brasileira registrara uma pequena recessão e os analistas chegaram a ensaiar o seu batismo, como uma resultante em cadeia da crise mexicana e da Argentina, com o nome *Efeito Samba*. Houve,

sim, uma queda do PIB, um controle fiscal um pouco mais rígido e o empresariado comportou-se com mais prudência. A economia tivera, de fato, um crescimento modesto, 2,5% do PIB, registrando uma queda de US\$ 2 bilhões nas vendas para o Mercosul. Mesmo assim, registrou-se um superávit comercial de US\$ 2,6 bilhões. Mas, se o Brasil não dançou tango, passou, de fato, perto de entrar na avenida. Samba, mulata e futebol, os três arquétipos que configuram, para o estrangeiro, o *ethos* da cultura brasileira, confundiam a irreverência e até mesmo a irresponsabilidade do brasileiro. Mas mesmo longe das crises econômicas daquele momento e do dilema metafórico, o brasileiro não deixou por menos e enquadrou as medidas preventivas do governo na categoria de *Efeito Samba*, que os economistas Edmar Bacha e Fábio Gambiagi se encarregaram de dar legitimidade acadêmica.

Era quase impossível ficar imune às crises do final do século. A estratégia russa de fazer flutuar o câmbio provocara uma queda de 63% do Índice Bovespa. Aos primeiros sintomas, o governo brasileiro mudou, entretanto, imediatamente seu regime cambial, impondo sua flexibilização, fazendo o dólar, quase paritário com a moeda brasileira, saltar de R\$ 1,20 para R\$ 2,20. A estratégia conteve a crise, mas o Mercosul seria de novo sacudido (1999) por outra crise de confiança interna e externa.

O centro do furacão cambial em 1999, no Brasil, foi um ataque especulativo, inspirado na crise asiática, em julho de 1997, levando pânico aos investidores. Mas, na realidade, a crise brasileira começou com uma disputa contábil entre o governador de Minas, Itamar Franco, e o governo federal, em que Franco, insubordinando-se,

declarou a moratória de uma dívida de seu estado, seguido por dois ou três outros governadores. Houve, de imediato, a fuga de US\$ 1 bilhão de dólares e, naquele mês (janeiro), registraram-se saídas do país de mais US\$ 2 bilhões. As taxas de juros explodiram (40%) no mercado futuro, e os títulos da dívida externa brasileira desabaram pelo quinto dia seguido (- 4%) em Nova Iorque. A imprensa brasileira ajudara a instrumentalizar a crise, o nosso *Efeito Samba*, ao abrir, no dia 13 de janeiro de 1999, chamadas de primeira página com o seguinte teor:

O Globo: Calote de Itamar faz Brasil sofrer nova fuga de dólares. **O Globo:** O Brasil voltou a enfrentar turbulências semelhantes às dos piores dias da crise de outubro, em apenas um dia. **Jornal do Brasil:** Moratória expõe economia frágil. **Jornal do Brasil:** Em apenas sete dias úteis deste ano as perdas de reservas ultrapassaram US\$ 2 bilhões. **TV Record:** Investidores estrangeiros, preocupados com a moratória de Minas. **TV Record:** Fuga de dólares volta a atingir somas alarmantes. **TV Record:** Compra de dólares derruba a maioria das bolsas de valores. **Jornal de Brasília:** A terça-feira negra para o Brasil.

O comportamento do Brasil vinha sendo acompanhado por alguns analistas internacionais e tornou-se tema de reportagens dos principais jornais do mundo. O inglês *Financial Times* destacou na primeira página o bloqueio do dinheiro a Minas Gerais, o que – interpretava – dificultaria a volta do Brasil ao mercado. O

norte-americano *The Wall Street Journal* afirmava que a moratória de Minas Gerais lançava dúvidas sobre a habilidade do governo federal no Brasil de evitar um *efeito dominó*. Em seguida, especulava, dizendo que o problema era também da China. Na crista dessa onda, alimentada pela mídia da América Latina, o *The New York Times* se aventurou, prevendo que a economia brasileira enfrentaria ainda muitas incertezas e colocava o Brasil como líder de uma lista de países cujas economias se encontravam em condições precárias.

O cenário ficou ainda mais acinzentado, quando dezessete estados brasileiros não amortizaram a parte da sua dívida com o governo federal naquele mês. Os governadores queriam juros mais baixos, que a imprensa batizou também eufemisticamente de *benefício ao bom pagador*, exigindo a diminuição da pressão sobre os estados *que fizeram sacrifícios, e estavam em dia com o seus compromissos*. O presidente Fernando Henrique respondeu que o Brasil todo gostaria de ter os juros que os estados pagam e escancarou: 6% ao ano, com 30 anos para amortização. Líderes da oposição no Congresso se reuniram em Brasília para apoiar o governador de Minas Gerais. Mas Itamar, que alimentava uma pendenga com Fernando Henrique, não queria tanto e viu que embarcara numa canoa furada.

A fragilidade do Brasil manifestava-se pelas perdas de reservas substanciais e o consequente encolhimento imediato de posições por parte de todos os investidores em mercados emergentes. O aporte às reservas pelo pacote econômico do governo condicionava ainda os gastos públicos, sobre o que vinha insistindo impopularmente FHC na expectativa de que uma crise pudesse tentar romper o cordão de isolamento da

economia e gerar uma desconfiança externa e interna. Com uma elevada dívida externa e outra interna, a economia brasileira entraria em colapso, e qualquer recurso novo mal serviria como *saideira* (último gole) para nova fuga de capital.

Num artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, intitulado “Sambando Sozinho”, o economista Otaviano Canuto ressaltou que:

O impacto da crise brasileira sobre os mercados financeiros globais tem se revelado limitado. Os temores no exterior quanto ao efeito samba cederam lugar à percepção de que, a partir da moratória russa em agosto do ano passado, as potenciais vítimas entre os investidores norte-americanos e europeus tinham se preparado para a quebra do regime cambial brasileiro. Aliás, o resultado da busca de fechamento da exposição perante o Brasil foi a própria saída de recursos – fomentada por especuladores – que provocou a ruptura. (CANUTO, disponível em <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo70.htm> Acesso em 24 maio 2007).

Continuava Canuto dizendo que:

[...]o efeito samba não pôs para dançar nem mesmo o ingresso de capital para as demais economias maiores da América Latina, a julgar pelos lançamentos de bônus globais pelo México e a Argentina, desde janeiro, com apenas ligeira deterioração em seus termos.

No caso do parceiro do Mercosul, a despeito das consequências comerciais negativas da recessão e da desvalorização cambial no Brasil. O “Efeito Samba”, segundo ele, “virou quase um minueto.

A defesa do regime cambial após a crise asiática, mediante taxas de juros elevadas, serviu para colocar as reservas brasileiras acima de US\$ 70 bilhões, provocado pelo encurtamento de prazos do perfil da dívida e pelo próprio impacto das taxas de juros. A fragilidade da defesa brasileira, no caso do *Efeito Samba*, manifestou-se na perda rápida dessas reservas. A moratória russa, diferentemente da crise mexicana e da crise asiática, implicara perdas substanciais e encolhimento imediato de posições por parte de todos os investidores em mercados emergentes, o que não acontecera com o Brasil.

Inflexões sintagmáticas

No meio de todas essas inflexões parodiadas pela população, emergiram três percepções do funcionamento da política econômica mundial naquele momento: 1) a de que o fenômeno da globalização induzia a um esforço de convergência econômica e também fiscal, promovendo um encadeamento sucessivo das economias e crises nacionais, independentemente do estágio atingido; 2) o fluxo de capital que circulava era altamente ilusório e especulativo: percorria o mundo à busca de vantagens e, portanto, cabia a cada país adotar medidas para se

proteger da sua volatilidade; 3) finalmente, a ideia de um neoliberalismo, redutor da intervenção do Estado. A crise de 2011/12 nega, entretanto, esta última equação, colocando o Estado à frente das soluções.

Ora, o Brasil enquadrava-se nas três vertentes e não havia aberto mão da presença do Estado na gestão da política econômica. Agregadas às vantagens comparativas e potencialidades do mercado nacional, fizeram o mundo começar a ver a economia brasileira com outro olhar. A defesa do regime cambial após a crise asiática, mediante taxas de juros elevadas, servira para colocar as reservas brasileiras acima de US\$ 70 bilhões, provocado pelo encurtamento de prazos do perfil da dívida e pelo próprio impacto das taxas de juros no mercado interno. Por estranho que possa parecer, o *Efeito Samba* foi a que melhor expressou a fragilidade do neoliberalismo e, ao mesmo tempo, o *ecletismo* e o *exotismo* da brasilidade. Tipicamente representacional, ela tinha uma história, personagens, mitos, confrontos, heróis, vilões e discursos próprios, refletindo quase contos de folhetim. Começara na Ásia, com a desvalorização da moeda tailandesa no início do mês.

Na sexta-feira 11, a crise se alastrou pelas Filipinas e pela Indonésia, levantando discussões sobre um problema que afeta boa parte dos países emergentes, incluindo o Brasil. É o chamado déficit em conta corrente, a diferença entre o dinheiro que entra e sai de um país por meio de importações/exportações e remessa de lucros e dividendos ao exterior. Os modelos econômicos que combinam saldo negativo nas contas externas com moeda

local ancorada a divisas forte, como o dólar, deixam os países vulneráveis ao humor dos capitais internacionais. Se, como ocorreu na Ásia, os investidores estrangeiros batem em retirada de um mercado, vendendo suas posições em moeda local, o resultado é a desvalorização. E o único jeito de conter a depreciação é dispor de boa reserva de dólares, coisa que nem todos os Bancos Centrais têm. (revista *Isto É* em sua edição de 23 de julho de 1997).

Isso dá samba, diria confuso o vulgo diante de um copo de cerveja. Ubiratan Iório (2005) observou que se Noel Rosa (Fig. 2) fosse vivo, “certamente consideraria entre as ‘outras bossas’, a incrível e patológica mania que 99 em cada 100 brasileiros têm de se fixar nos efeitos de qualquer questão e de revelar total despreocupação com as causas, como se efeito sem causa fosse mesmo um fenômeno factível”. Enfim, ninguém entende também por que um dos maiores produtores de alimentos e das maiores reservas naturais do planeta convive com paradoxos como a pobreza, a fome e a miséria. Se desideologizássemos a questão, trocando Marx, Plekanov e outros por Chartier, Foucault ou Le Gof, e a deixássemos flutuar ao sabor da ideia de que o brasileiro tem uma índole pacífica, irresponsável e divertida, segundo Oliveira Lima, concluiríamos metaforicamente que são vantagens comparativas, “são nossas coisas, são coisas nossas”, diria o poeta da Vila: “o samba, o futebol e outras bossas são coisas nossas”. São fenômenos culturais, são práticas que nos remetem a um espaço identitário comum e empurram na avenida o carro alegórico da informalidade da sexta economia do mundo.



A) <http://www.google.com.br/imgres?q=noel+rosa+na+economia&um=1&hl=pt-BR&biw=1707&bih=825&tbn=isch&tbnid=ggWUcrFgZJDChM:&imgrefurl=http://fontecom.com/2011/03/&docid=TpXRuN0HSV4KdM&imgurl=http://fontecom.files.wordpress.com/2011/03/noel-rosa.jpg&w=720&h=645&ei=uEruTv6aCYqhtwe5uqHaCg&zoom=1&iact=hc&vpx=782&vpy=287&dur=63&hovh=212&hovw=237&tx=133&ty=148&sig=103566634528136977980&page=4&tbnh=135&tbnw=151&start=105&ndsp=37&ved=1t:429,r:32,s:105>

B) http://www.google.com.br/imgres?q=noel+rosa+com+que+roupa+eu+vou&um=1&hl=pt-BR&biw=1707&bih=825&tbn=isch&tbnid=Ebr4UGrdAGuCXM:&imgrefurl=http://rzeusnet-ventonolitoral.blogspot.com/2011/11/noel-rosa-1910-1937.html&docid=X_LfvA8CRinIZM&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/-SoXzkoCEdS8/Tc_s33fBLmI/AAAAAAAAA_Q/3D5jOaMwxYw/s1600/Felipe%252BVellozo%252B_noel_rosa_baixa.jpg&w=382&h=336&ei=yUvuTuKjII_qtgetpq3oCw&zoom=1&iact=hc&vpx=682&vpy=129&dur=594&hovh=211&hovw=239&tx=89&ty=122&sig=103566634528136977980&page=1&tbnh=141&tbnw=160&start=0&ndsp=36&ved=1t:429,r:3,s:0

Conclusão

Assim, ao olhar para a crise do euro mirando os exemplos da Grécia, Itália e da Espanha, fica explícito também que a economia ou a política não se realizam por si, autônoma e independente e verticalmente. Todas são atravessadas por representações e, como uma forma de autopreservação, estão cheias de heteroglossias (BAKHTIN, 2004), diálogos tensos e conflituosos, seja na esfera acadêmica, de governo ou popular, que lhes dão vida. As inflexões, por serem polifônicas, apresentam uma aparência belicosa. Mas são, no fundo, transformadoras, reforçando ou revertendo uma ou outra situação. Nelas estão presentes verdades fundamentalistas ditadas pela ciência, mas também aquela forjada pelo imaginário popular fruto dos seus efeitos, formando um conjunto único de representações culturais.

Os políticos, aparentemente no topo da pirâmide, consideram-se salvadores da pátria, veiculadores de sonhos e ideologias; os banqueiros misturam os interesses do capital com o bem-estar da população; os economistas são seus agentes, e sociólogos confundem-se tanto que não conseguem entender as crises. Todos, sem exceção, precisaram buscar inspiração na sociedade, sua última vítima – e não cobaia –, cujo conhecimento simbólico é fruto dos embates históricos e culturais e frustrações da vida cotidiana. Assim, a crise em espiral no mundo desnudara, de um lado, a tangibilidade do otimismo do brasileiro; e, de outro, o perfil, a força e a estrutura da economia do país, dando visibilidade à condição de sexta economia do mundo* e a um mercado interno, mesmo pitoresco, potencialmente sedutor.

Na área industrial, o Brasil detém quase a metade das 1.000 maiores empresas da América Latina em setores estratégicos, como os da tecnologia da informação, siderurgia, química, logística, energia, alimentação e serviços de uma maneira geral. Entre as 50 maiores empresas privadas mais rentáveis da América Latina, 23 são brasileiras. Os segmentos de química e petroquímica lideram o ranking com 81 empresas e uma receita líquida de US\$ 197 bilhões, seguidos da indústria de veículos e autopeças (8,5% = US\$ 79 bilhões) e serviços e telecomunicações (7,5% = US\$ 69,3 bilhões). Siderurgia e metalurgia participam com 4,3% da receita líquida, com US\$ 39,7 bilhões. Madeira, móveis, papel e celulose têm 1,99% de participação na receita líquida, com 37 empresas e faturamento de US\$ 18,3 bilhões; e borracha e plásticos 0,07%, com US\$ 408 milhões (Gazeta Mercantil: Maiores e Melhores, 2004).

Assim, a crise em espiral no mundo, entre 1995 e 1999, explicada metaforicamente pela população com o apoio da mídia, desnudara, de um lado, a tangibilidade do exótico otimismo do brasileiro, característica que poucas populações têm; e, de outro, o perfil, a força e a estrutura da economia do País, o que o faz emergir como a sexta economia do mundo* e a um mercado interno, mesmo pitoresco, potencialmente sedutor.

Não se pretende que essa pesquisa se situe no campo nem da verdade absoluta nem da insegurança do relativismo. Era preciso, contudo, registrar essa experiência histórica, ignorada pelos economistas, e enfatizar a impossibilidade da adoção de modelos e soluções para crises econômicas sem considerar os efeitos sobre as populações. Deixa-se aqui em aberto uma questão: a glosa popular metafórica generalizada refletiria uma indiferença com as políticas e decisões macroeconômicas, adotadas a partir de pequenos círculos de poder, ou uma ansiedade extrema das populações diante da impostura da maioria das explicações conjunturais e instrumentos validados como científicos?

Referências

- BACHA, Edmar Bacha e GAMBIAGI, Fábio. *Sine data*
- BARBOSA, Marialva. *Senhores da memória*. Tese de Concurso Público para Professor Titular, no Setor de Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. 1993. Niterói-RJ.
- BAKTIN, M. *The Dialogical Imagination*. Tradução de C.Emerson. Holkist M. Texas (EUA) : University of Texas pressa, 1981.
- BAKHTIN, M. *Dialogical imagination*. 15.ed. Austin: University of Texas Press, 2004.
- BERNAL-MEZA, Raúl. *Os dez anos de Mercosul e a crise argentina*. São Paulo: Paz e Terra/USP/IEE, Revista Política Externa, vol. 10, nº 4, mar./maio, 2002, p.7-46.
- CANUTO, Otaviano. *Sambando sozinho*. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigos/artigos70.htm>. Acesso em 24 maio 2007.
- FAUSTO NETO, Antônio. *A deflagração do sentido*. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: Sujeito, o lado oculto do Receptor. São Paulo: USP/Brasiliense, 2001.
- FÉLIX, José L. (Correspondente argentino na Europa, parafraseando o articulista português José Manuel Fernandes do jornal Publico). Lisboa, 23.12.05.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 16ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1995.

OLIVEIRA LIMA. O Movimento da Independência (1821/1822). Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/oliveiralima/omovimentodaindependencia.htm>>. Acesso em 12 jan. 2012.

IANNI, Otávio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

IÓRIO, Ubiratan. _____ Disponível em São Paulo: Jornal O Estado de São Paulo , 2005. Disponível em: <<http://www.jt.estadao.com.br/editorias/02/07/06/artigos001.html>>

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2. Ed. Campinas (SP): Pontes, 1997.

QUINTAO, Aylê-Salassie F. Inflexões no Mercosul: momentos centrífugos. Cap. VII. In: *Americanidade: Mercosul, passaporte para a integração*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2010.

TORQUATO, Gaudêncio. O jornalismo e as funções da linguagem. In: *Comunicação e Sociedade*, ano I, nº3, jun. 1980. São Paulo: Cortez Editora, 1980, p.75-85.

Jornais e revistas

Jornal de Brasília: A terça-feira negra para o Brasil. http://www.radiobras.gov.br/anteriores/1999/sinopses_1301.htm. Acessado em 10.12.2007

Revista *Isto é*. O efeito samba. São Paulo, edição de 23 de julho de 1997.

Revista *Veja*. São Paulo: Editora Abril, edição de 26.12.1991.

_____. O povo poe De La Rua para fora. São Paulo: Editora Abril, edição 1732, ano 34-nº 51, 26 de dezembro de 2001, p.22-25.

_____. Até onde vai o risco do contágio. São Paulo: edição 1732, ano 34, nº 51, 26 de dezembro de 2001, p.22-31.

_____. São Paulo: Editora Abril, edição de 26.12.1991

Radiobras. Sinopses. Disponível em: <http://www.radiobras.gov.br/anteriores/1999/sinopses_1301.htm> Acesso em: 10 dez. 2007.